

Carolina Laurenti¹ e Carlos Eduardo Lopes

[1] Universidade Estadual de Maringá | **Título abreviado:** José Antônio Damásio Abib: Um “pensador antropofágico” (Apresentação) | **Email:** clautenti@uem.br | **doi:** org/10.18761/edt012023

José Antônio Damásio Abib: Um “pensador antropofágico”

Em uma conversa *online* com Marcelo V. Silveira sobre os trâmites editoriais da *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento* acabamos, ao final da prosa, compartilhando nossas inquietações a respeito do cenário perturbador do país na ocasião, do esfacelamento das universidades, do descaso com a pesquisa, e de certo esvaziamento teórico nas discussões em psicologia. Pouco tempo depois dessa conversa, enviamos um áudio para Marcelo propondo uma seção especial em homenagem ao professor José Antônio Damásio Abib neste periódico. Ele respondeu prontamente com outro áudio e em notório tom de surpresa, pois, naquele mesmo dia, pouco antes de ouvir a nossa mensagem, tinha idealizado o mesmo projeto. Que feliz coincidência!

Como editor-chefe da *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*, Marcelo não só encorajou, mas conferiu todo o suporte necessário para a realização deste número especial. A você, Marcelo, nossos profundos agradecimentos.

Para compor este número, convidamos pessoas que tiveram alguma relação de proximidade acadêmica com o professor Abib na condição de orientando(a), aluno(a), interlocutor(a). Sem exceção, todo(a)s que responderam ao convite, mesmo os(as) que tiveram de declinar por força de outros compromissos ou imprevistos, destacaram o caráter meritório da proposta.

Aos(às) autore(a)s foi instruído que escolhessem um texto de autoria de Abib para ser alvo de discussão. Para auxiliar nessa seleção, sugerimos uma lista de artigos e livros, que foi compilada por nós. Ao adotar essa estratégia, uma de nos-

sas preocupações era a de garantir a diversidade temática dos artigos, que poderia ser comprometida caso apenas uma publicação fosse privilegiada. Afortunadamente, a maioria do(a)s autore(a)s escolheu textos distintos, e mesmo aqueles poucos artigos que, porventura, mencionaram a mesma fonte, conduziram discussões de perspectivas bastante distintas.

A ideia inicial era publicar uma seção especial. Contudo, fomos contemplados com um total de artigos que justificou a publicação de um número especial. O(a) leitor(a) vai encontrar um conjunto de artigos escrito por pessoas de diferentes gerações e formações. A maioria é de analistas do comportamento, mas há também autores afeitos a outras teorias psicológicas e até mesmo de outras áreas de conhecimento. Qualquer que seja o caso, são textos completamente diferentes; cada qual, a seu modo, dá relevo às contribuições de Abib para pensarmos questões cruciais para a Psicologia de um modo geral, e para a Análise do Comportamento em particular. Agradecemos aos(as) autore(a)s por terem se dedicado à produção desse rico material em um período marcado por condições políticas bastante adversas, que ganharam feições ainda mais agonizantes nas vésperas do pleito eleitoral, justamente quando muitos dos artigos estavam sendo finalizados.

Deparando-se com este número, leitor(a)s das novas gerações podem se perguntar: quem é José Antônio Damásio Abib? A pergunta é procedente, sobretudo em um contexto em que alguém se torna (re)conhecido pelas redes sociais *online*. Abib não tem perfis nessas redes; não tem “seguidores”; tampouco um canal no *Youtube*. Os meios de comunicação com ele são “arcaicos”: conversa face-a-face, telefone e, no máximo, *e-mail*. Já faz bastante tem-

po que ele não participa de congressos na área, e não é visto por aí. Seus textos geralmente são considerados “densos”, com um estilo de escrita que tem se tornado cada vez mais refratário diante do apelo insistente por conteúdo mais “fácil”. A obra de Abib é composta por trabalhos “teóricos”, que podem, nos dias de hoje, acabar negligenciados por não serem considerados “científicos” ou por não trazerem exemplos “práticos”. Seu valor acadêmico não pode ser aferido pela extensão do currículo *lattes*.

O que Abib tem feito ultimamente? Poesia; aliás, muita (e boa) poesia. Desde 2015, ele tem publicado obras literárias que merecem ser lidas (*Livro de Miniaturas, Livro de Quasnada, Almanaque Poético, Bazar Literário*); e todas as vezes que nos encontramos, descobrimos que outros livros já estão em processo de elaboração. Além da obra acadêmica e poética de Abib, que pode ser acessada na Internet, o(a) leitor(a) que nunca ouviu falar do professor Abib também pode encontrar informações biográficas no seu divertido ensaio autobiográfico recentemente publicado (Abib, 2021).

Mas, por que uma homenagem ao professor Abib? Há muitas razões para isso. O(a)s autore(a)s dos artigos que compõem este número descreveram várias delas. A disposição para anunciá-las fica bem evidente já no início da maioria dos textos, com manifestações de agradecimento pela oportunidade de participar deste projeto. As expressões utilizadas pelo(a)s autore(a)s para qualificar o legado de Abib ajudam a dimensionar a sua relevância acadêmica. Sem exageros, vários reconheceram o papel de Abib em momentos decisivos de suas respectivas trajetórias profissionais, seja na escolha pelo Comportamentalismo e Análise do Comportamento, seja na escolha por temas de pesquisa específicos que fizeram diferença.

No caso da Análise do Comportamento, a homenagem justifica-se pelo fato de que nas referências bibliográficas dos textos de Abib, B. F. Skinner é recorrente: uma figura do passado para pensar as questões do momento. Mas será que isso vale uma homenagem? Desavisadamente, alguém poderia ver nesse movimento apenas uma expressão de dogmatismo, afinal tanta coisa já foi produzida depois de Skinner . . . Mas dogmatismo não é recorrer ao passado, e sim ler sem questionar, seja algo do passado, seja do presente. Abib nos ensina que para evitar o dogmatismo na psicologia

precisamos de uma cultura histórica e filosófica, que não restringe o tempo ao seu sentido cronológico. Uma ciência sem essa cultura pode tomar algo antigo por novo. Inversamente, uma cultura histórica e filosófica pode atualizar reflexões “antigas”, colocando para conversar textos cronologicamente distantes. Assim, com Abib “Skinner vai dizendo coisas diferentes”, porque está sendo indagado por novas perguntas históricas e filosóficas. Obviamente, isso nos faz questionar: o quanto a formação de psicólogo(a)s e de analistas do comportamento tem priorizado o desenvolvimento de uma cultura histórica e filosófica?

Outra justificativa para a homenagem ao professor Abib emerge da diversidade temática dos artigos que compõem este número. Isso não é coincidência. A obra de Abib é efetivamente plural, e expressa um modo de trabalho peculiar, que busca inspiração no movimento antropofágico de 1922: “Quando, por exemplo, tomamos um texto comportamentalista e um texto filosófico e estabelecemos uma relação entre eles, abrimos o texto. Inventamos o texto antropofágico, o texto faminto, o texto que come” (Abib, 2018, pp. 17-18). Com isso, a obra de Abib afasta-se deliberadamente da tradição acadêmica que identifica trabalho teórico com exegese de textos, com a busca pelos *fundamentos* das teorias. Com sua “antropofagia teórica”, Abib promoveu uma diversidade de interlocuções, muitas delas inusitadas, entre psicólogos (Wundt, James, Mead, Skinner, Piaget), filósofos (Aristóteles, Nagel, Pepper, Wittgenstein, Habermas, Rorty, Lyotard, para citar apenas alguns) e literatos (Jorge Luis Borges, Manoel de Barros, Fernando Pessoa), transgredindo fronteiras disciplinares sem sacrificar o rigor acadêmico. Na tradução de termos psicológicos para a linguagem comportamentalista radical, Abib, com sua interpretação, “traí” o texto skinneriano. *Traduttori tradittori!* Contudo, essa ultrapassagem hermenêutica é metódica, consciente, amparada textualmente, rigorosa e detida. A sua “tradução” enriquece o texto skinneriano. Nessa atividade hermenêutica intertextual, Abib mostra as possibilidades de o Comportamentalismo Radical instruir a Análise do Comportamento a pensar temáticas atuais com discussões “clássicas”, e a adornar estas com aquelas. Não se trata, portanto, de um ecletismo irresponsável, mas de um traba-

lho cuidadoso, que respeita os limites dos textos na busca por pontos de contato filosóficos.

Os artigos que compõem este número nos mostram que, com Abib, a história ganhou um sentido filosófico; a filosofia uma perspectiva histórica; a epistemologia um caráter plural; e a ciência uma feição não-cientificista. Perpassada pelas análises filosóficas de Abib, a história do Comportamentalismo nos conta que Comportamentalismo é só Comportamentalismo Radical. A filosofia e ciência skinnerianas são plurais, e Abib soube transitar com maestria por essa heterogeneidade, colocando o Comportamentalismo em pé de igualdade com outras tradições de pensamento para debater questões filosóficas, psicológicas e sociais candentes. Abib nos conduziu pelo labirinto das concepções de sujeito para, ao final dessa jornada, apresentar uma concepção comportamentalista radical de subjetividade. Ele incitou a comunidade de analistas do comportamento a vislumbrar novos mundos, ajudando-nos na difícil tarefa de imaginar. Mas, para ele, não seria *Walden Two* o refúgio para o “inferno comportamental”, pois a sociedade utópica apresentada por Skinner não é democrática e anárquica o bastante. Abib conclama a uma revolução que leve não só a mudanças profundas nas estruturas sociais, mas também na nossa sensibilidade: precisamos educar nosso hedonismo para que seja gentil com a Terra, com os seres humanos do presente e do futuro – e não mais destrutivo com as diferenças e com o planeta.

Se o leitor(a) ficou *incomodado* com essas análises, Abib se daria por satisfeito. Sua produção acadêmica abala nosso comodismo intelectual, expõe a preguiça das certezas, desafia os clichês teóricos apressados; nos desperta de nosso “sono dogmático”. Acreditamos que a Análise do Comportamento galgou alguns anos com as discussões fomentadas por Abib – mais uma evidência do caráter prolífico e original da Análise do Comportamento brasileira.

Considerando a breve menção de algumas de suas contribuições, talvez o fato de nós e Marcelo termos aventado, quase simultaneamente, um número especial em homenagem a Abib não tenha sido propriamente uma “coincidência”. Diante do cenário nacional perturbador sobre o qual lamentávamos, não seria improvável pensar na figura do professor Abib como um refúgio intelectual, onde

podemos encontrar ferramentas analíticas auspiciosas para entender o presente e prospectar dias melhores. Que privilégio da nossa área poder contar com esse “pensador plural”!

Abib é de outro tempo. Certamente não é do presente; é do passado. Esperamos também que seja do futuro.

Desfrutem da leitura!

Referências

- Abib, J. A. D. (2018). Prólogo – Comportamentalismo antropofágico. In C. E. Lopes, C. Laurenti, J. A. D. Abib (Orgs.), *Conversas pragmatistas sobre comportamentalismo radical* (2a ed. rev. ampl., pp. 17-18). CRV.
- Abib, J. A. D. (2021). Mosaico. In B. A. Strapasson, A. Dittrich, & R. C. Nascimento (Orgs.), *História da Análise do Comportamento em autobiografias – volume 1* (pp. 227-250). Editora UFPR.